



XXXIV FEIRA CIENTÍFICO-CULTURAL

PROJETO DE PESQUISA

Manaus-AM

2020

Facundo Dutra Martin
Gustavo Lacerda Brito
Natália de Souza Barros
Rafael Stirling Zumaeta
Roberto Vinícius Gomes Antunes

ELIXIR DA LONGA DA VIDA

Projeto da Turma 1001 apresentado à
Comissão da Banca Avaliadora da XXXIV
Feira Científico-Cultural do Colégio Martha
Falcão.

Tema chave: A Nova Terra.

Orientador: Prof. Dr. Dênnis Castro.

Manaus-AM

2020

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente ao Deus Pai, ao Deus Filho e ao Deus Espírito Santo, pelo seu amor e pela sua infinita misericórdia, nos presenteando com a vida e com momentos maravilhosos em comunhão e aprendizado durante toda essa etapa da pesquisa acadêmica.

Queremos agradecer de todo o nosso coração ao Colégio Martha Falcão, na pessoa da diretora Nelly Falcão de Souza, por oportunizar trabalhos de tão elevada grandeza e de proporcionar a toda comunidade escolar um novo modo de olhar para as questões científicas e teóricas, vivenciando o que denominamos de projetos de pesquisa, preparando os alunos para um novo saber, aprendendo e reaprendendo.

Agrademos ao Professor Dr. Dênnis Castro pela orientação e pelo modo com que conduziu a pesquisa e as reuniões vigentes para que o processo de construção deste estudo produzisse frutos plausíveis para a apresentação do projeto.

E por fim, porém não menos importante, agradecemos a todos os responsáveis pelos alunos que se dedicaram e contribuíram de forma satisfatória para que esse trabalho fosse confeccionado da melhor forma possível.

Desejamos a todos, um muito obrigado!

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	6
3 METODOLOGIA.....	13
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	15
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
6 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	21

1- INTRODUÇÃO

A) TEMA E DELIMITAÇÃO DO TEMA: O tema central dessa feira científico-cultural refere-se: A Nova Terra, tendo como título do projeto de pesquisa: Elixir da longa vida.

B) OBJETIVOS

GERAL: Realizar um estudo analítico sobre o elixir da longa vida e sua propagação no decorrer dos tempos.

ESPECÍFICOS: Refletir sobre as tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia, levando em consideração o período da pandemia da COVID-19 (Novo Coronavírus); Apresentar uma proposta de uma garrafada (artesanal) para tratar possíveis sintomas da COVID-19.

C) JUSTIFICATIVA.

Este tema, Elixir da longa vida, é referente aos alquimistas que sonhavam em alcançar o maior desejo do homem: a vida eterna. Apesar de não terem atingido seus objetivos, os alquimistas foram os pioneiros do desenvolvimento de técnicas e práticas laboratoriais, como a destilação e a sublimação que são usadas até os dias atuais pelos químicos.

Em outro relance, nos deparamos com o panorama atual da humanidade, a situação caótica da pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19). Mediante a esse acontecimento, a lembrança dos alquimistas nos vem ao pensamento, simplesmente por um denominador comum: a sobrevivência (longa vida).

Nessa perspectiva, os princípios que regiam a antiguidade e a busca pela cura desse vírus avassalador, despertou o interesse pelas tradições e receitas medicinais populares. O povo, acostumado a enfrentar seus próprios medos e recursos, doenças desconhecidas, criaram novos métodos de uso, descobrindo novos fins para as plantas que já conheciam, a partir de dados provenientes de geração para geração.

Um exemplo a ser comentado atualmente é a Quinina (*Cinchona Officinallis*), uma planta Amazônica com grande potencialidade para o tratamento do Novo Coronavírus (Covid-19) iniciado em 2019. De acordo com Cosenza (2015), a Quinina

pode ser encontrada em países da América Latina, bem como no Brasil, e até mesmo em países asiáticos, onde, de acordo com Machado (2020), sua casca contém certas quantidades de alcalóides, sendo o quinino o principal deles, potencializado para combater a malária ou febres periódicas.

Dessa forma, esta pesquisa justifica-se pela relevância da temática abordada, bem como o resgate dos valores culturais e científicos que nos direcionam para possíveis soluções que sofremos em nossa luta diária pela vida.

Assim, ao refletirmos sobre as tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia, levando em consideração o período da pandemia da COVID-19 (Novo Coronavírus), podemos ampliar nossos conhecimentos e expandi-los ao ponto de apresentar uma proposta de uma garrafada (artesanal-elixir) para tratar possíveis sintomas da COVID-19.

D) HIPÓTESE: É possível encontrar o elixir da longa vida?

2 - REFERENCIAL TEÓRICO

Essa seção será dividida em duas partes fundamentais: Alquimia (conceitos, origem e histórico) e Plantas medicinais da Amazônia. É importante salientar que esses condicionantes temáticos da pesquisa estão como parte dos objetivos específicos do projeto. Logo, necessariamente deve estar bem fundamentados para que se possam construir resultados plausíveis na formulação da garrafada artesanal proposta pelos pesquisadores desse trabalho.

2-1 ALQUIMIA (CONCEITOS, ORIGEM E HISTÓRICO)

A alquimia é um costume de categoria mística que progrediu durante a Idade Média reunindo ciência, arte e magia.

Uma de suas principais finalidades foi obter o famoso elixir da vida, com o intuito de garantir a eternidade e a cura das enfermidades do corpo. Outra relevante busca foi a criação da pedra filosofal, com o poder de transformar metais comuns em ouro (HUTIN, 2010).

Em termos gerais, a Alquimia (Figura 1) está relacionada de forma intrínseca

com diversas áreas do saber, tais como: Química, Física, Metalurgia, Astrologia, Medicina, dentre outras, sendo praticada por inúmeros povos antigos, indo de árabes a chineses.

Na verdade, os alquimistas cooperaram para a evolução de diversas técnicas, embora não desvendassem como os fenômenos ocorriam. Até hoje ela apresenta uma função importante, sendo considerada de extrema relevância para o desenvolvimento das ciências, especialmente da Química (VARGAS, 2017).

Figura 1. Alquimia



Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/al/qu/alquimia-cke.jpg>

A origem da Alquimia é imprecisa, posto que alguns estudiosos admitam que já fosse adotada em Alexandria, no Egito Antigo, por volta do século III a.C. e se consolidou como a principal ciência da Idade Média (séculos V ao XV). Todavia, a Alquimia chinesa pode ser uma das mais arcaicas, com indícios dessa prática em 4500 a.C.

Durante a Idade Média, as pesquisas da Alquimia progrediam por intermédio da investigação da natureza, experimentos, procedimentos químicos, utilização de materiais, instrumentos e aparelhos. Esses elementos foram essenciais para o avanço das ciências naturais contemporâneas (HUTIN, 2010).

Nesse sentido, a Alquimia foi a prenunciadora da Medicina e da Química, pois colaborou com a manipulação de metais e embalsamento de corpos, perpassando pelos Egípcios, greco-romanos e árabes, até chegar na Europa.

Inúmeros foram os alquimistas de renomes que passaram pelo mundo todo, sendo os principais, no Egito: Hermes Trismegisto, na China: Fu Xi, na Arábia: Al Ghazali e entre os alquimistas europeus mais destacados estão: Alberto Magno,

Tritemo, Khunrath, Eliphas Levi.

Existem inúmeros segredos e simbologias por detrás da Alquimia. Pontos e posicionamentos que levantam diversas temáticas a serem discutidas, contudo, essa pesquisa está inclinada para a relação existente entre o poder da Alquimia e seu elixir da longa vida e sua contribuição para o despertar das investigações e pesquisas experimentais.

A Alquimia ocidental manteve-se sempre deslumbrada em produzir um metal nobre a partir de metais comuns. Nesse caso, A Pedra Filosofal (Figura 2) (chamada de Grande Obra ou Medicina Universal) foi o principal objetivo dos alquimistas, principalmente no período da Idade Média.

Figura 2. A Pedra Filosofal.



Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/pe/dr/pedrafilosofal-0.jpg>

Na realidade, os alquimistas acreditavam que por meio dos quatro elementos fundamentais da natureza (terra, ar, água e fogo) e com uso de variados metais, seriam capazes de descobrir uma substância mística capaz de transformar qualquer elemento em ouro (VARGAS, 2010).

De acordo com eles, o estado perfeito seria o ouro, logo todos os metais deviam seguir sua evolução em direção ao mesmo. De tal modo, se considerarmos a Pedra Filosofal um conceito metafórico, ela estaria associada à busca espiritual de lapidação da alma humana.

Assim, nasceu o desejo e o anseio pela imortalidade, em um esforço pela sobrevivência eterna e pela salvação de suas almas. A busca pelo elixir começou a despertar o interesse por muitos pesquisadores, a cura das doenças foi um ponto forte a ser discutido.

Fundamentado em princípios doutrinários, como o Taoísmo, a ideia foi criar um elixir da longa (Figura 3) vida para alcançar imortalidade e curar todos os males.

Figura 3. Elixir da Longa Vida



Fonte: <https://static.todamateria.com.br/upload/el/ix/elixirdaimortalidade-0-cke.jpg>

No ocidente, o desenvolvimento de um elixir também começou a ser buscado, aparentemente de forma independente, mas com o mesmo objetivo (HUTIN, 2010).

Desse modo, verifica-se que a busca incessante dos alquimistas estava concentrada em desvendar os mistérios associados à alma humana e sua existência no mundo. Com isso, demonstrou ser um importante passo para o desenvolvimento intelectual e uma etapa para a evolução humana.

2-2 PLANTAS MEDICINAIS DA AMAZÔNIA

A utilização de espécies vegetais no tratamento de doenças é uma das tradições mais antigas da civilização humana. Ela nos direciona para os povos nativos, onde as mulheres eram responsáveis por extrair os princípios ativos das plantas para a cura de diversas enfermidades.

À medida que essas tribos alcançavam habilidade em suprir suas necessidades de sobrevivência, foram sendo estabelecidas funções específicas para cada indivíduo do grupo.

Nessa perspectiva, apareceu o chamado curandeiro, tem o objetivo de realizar o

desenvolvimento de substâncias ocultas das quais só eram evidenciadas seletivamente para aqueles indivíduos que fossem mais bem preparados.

De acordo com Verdam (2010), mesmo com todo o processo de evolução que a medicina contemporânea vem apresentando em grande parte do mundo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) denota que praticamente 80% dos países em desenvolvimento dependem das plantas medicinais como única fonte de acesso para a atenção primária de saúde.

No Brasil, pelo fato de ser um país localizado próximo aos trópicos e ser favorecido pelo denominado clima úmido, existe um leque de variedades de espécies vegetais que apresentam potencial medicinal (LUÍS, 2014). Nessa conjuntura, a atividade desenvolvida pela medicina popular no âmbito brasileiro coloca em evidência os diferentes saberes construídos ao longo do tempo pelas comunidades tradicionais, os quais são executados por indivíduos que possuem conhecimentos empíricos, fruto de suas experiências e vivências transmitidas aos seus descendentes de forma verbal em meio às diversas gerações (PEREIRA; CUNHA, 2015).

Em definição as chamadas populações tradicionais, pode-se dizer que são povos que de forma interdependente com o ambiente, e tem sua dinâmica social interligada as marés, aos ciclos lunares, ao clima, dentre outros. Então, estão inseridas nessa classe as comunidades indígenas, camponesas e ribeirinhas. Essas populações possuem um sentimento de pertencimento, uma reciprocidade no uso comum e uma organização social específica baseada na memória coletiva do grupo (LITTLE, 2004).

De acordo com Amorozo (2002), na região amazônica as comunidades tradicionais detêm vasto conhecimento sobre o uso de plantas medicinais, contudo, essas práticas vêm sofrendo interferência direta da medicina ocidental moderna, e também da falta de interesse da população jovem em relação aos usos desses saberes, ameaçando o desaparecimento da chamada transmissão boca a boca (verbal).

É importante ressaltar que, segundo Oliveira (2010), para que haja uma maior preservação dessas espécies de plantas geradoras de alcalóides, se faz necessário a integração dos conhecimentos científico e tradicional, além de investimento em estudos etnobiológicos que reconheçam a importância dos saberes tradicionais que se perpetuam nas diferentes comunidades e culturas, e que podem contribuir com a manutenção da biodiversidade (LAMEIRA, 2004).

Na realidade a Amazônia possui segredos ainda não totalmente explorados, sendo considerada como uma fonte inesgotável de riquezas, principalmente quando

relacionada ao tratamento de diversas doenças. Entretanto, ainda são desconhecidos todos os tipos de espécies de plantas que possuem funções terapêuticas.

Nossos avós, por exemplo, já utilizam muitas plantas medicinais em suas receitas medicinais, tais como: boldo, carqueja, erva cidreira, erva doce e guaraná (Figura 4), e foi por meio deles e de nossos antepassados que acabamos conhecendo a eficácia dessas plantas no combate as doenças.

Figura 4. Plantas medicinais



Boldo

Carqueja

Cidreira

Erva doce

Guaraná

Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

Estes são os denominados medicamentos fitoterápicos, ou seja, um tipo de medicina alternativa com a produção de remédios provenientes das plantas. Muitos desses medicamentos servem como base para os sintéticos, aqueles feitos em laboratório.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, 80% da população utilizam a fitoterapia como tratamento e prevenção de doenças. Cerca de 25.000 espécies são usadas, além daquelas que são utilizadas por tribos indígenas e comunidades na Amazônica, a variabilidade de plantas é imensa. O conhecimento da fitoterapia acumulado no decorrer dos anos constitui uma fonte de recursos para alguns problemas da sociedade moderna brasileira e serão necessárias muitas pesquisas para atingir um modelo ideal na busca desses fitoterápicos (ALMASSY *et al.*, 2005; FRANÇA *et al.*, 2008; PEREIRA & CUNHA, 2015).

Produtos Fitoterápicos

Carqueja

Nome científico: *Baccharis trimera*

Planta que vive mais de dois anos e chega a atingir 2 metros de altura.

Usos: Indicada para problemas do fígado e vesícula biliar, problemas digestivos, úlcera e gastrite. Ela tem o poder de purificar e desintoxicar o sangue e o fígado. Podendo ser indicada para diabetes e também contra resfriados, diarreias, garganta

inflamada, de acordo com a medicina popular.

Unha de gato

Nome científico: *Uncaria tomentos*.

Planta trepadeira com espinhos semelhantes às unhas de gato. Chegando a 30m de altura, essa planta possui duas espécies (*Uncaria tomentosa* e a *Uncaria guianensis*), da qual a *Uncaria tomentos* é a mais indicada para usos terapêuticos.

Usos: Tribos amazônicas usavam-na desde pelo menos 2.000 anos atrás, como anti-inflamatório e para tratar problemas gastrointestinais. Hoje, ela tem destaque no tratamento do estômago e intestino, auxiliando no tratamento da AIDS e em alguns tipos de câncer.

Capim-santo ou Capim-cheiroso

Nome científico: *Lippia alba*

É uma erva perene com nós entrelaçados, folhas compridas, lineares e eretas.

Usos: Na Amazônia, o chá dessas folhas é utilizado contra qualquer tipo de dor, febre e problemas no estômago. Na Mata Atlântica o suco gelado de suas folhas é ingerido como refrigerante ou sedativo e ainda em outras regiões é utilizado como calmante e no combate da pressão alta.

Sangue do dragão

Nome científico: *Croton Lechleri*

É uma resina vermelha vindo do tronco de uma árvore e por incrível que pareça é conhecida desde a antiguidade por suas diversas propriedades medicinais, sendo proveniente do fruto de várias palmeiras dos gêneros *Daemonorops*, *Dracaena*, *Croton* e *Pterocarpus*.

Usos: Na medicina popular tradicional é usado no tratamento de várias doenças, entre elas: candidíase, cicatrizante natural, corrimento vaginal, doenças do pulmão, gastrite, câncer (para uso externo e interno), infecções em geral, problemas osteoarticulares, reumatismo, artrite, artrose, bursite, úlcera na boca, garganta, nos intestinos e no estômago (feridas internas), reforça o sistema imunológico após quimioterapia ou radioterapia.

Amora

Nome científico: *Rubus fruticosus*.

É fruto da amoreira silvestre ou silveira, uma planta medicinal com propriedades anti-inflamatória e antioxidante. Suas folhas podem ser utilizadas como remédio caseiro para tratamento de osteoporose e cólicas menstruais.

Usos: Na Amazônia, a amora pode ser consumida fresca, em sobremesas ou em sucos que podem ser utilizados para ajudar a tratar diarreias e inflamações nas cordas vocais.

Além das plantas citadas, existem também diversas plantas para fins medicinais: Alecrim, Alfavaca, Anador, Babosa, Capim-santo, Camomila, Guaco, Gengibre, Quebra-pedra, Cedro, Cipreste, Alcaçuz, Mirra e Papoula, dentre outras milhares de espécies. Por mais conhecidas que sejam as propriedades terapêuticas dos produtos naturais, muitas ainda não puderam ser comprovadas pela ciência. Logo, justifica-se a metodologia proposta nessa pesquisa.

3-METODOLOGIA

3-1 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo de estudo dessa pesquisa trata-se de compostos bioativos provenientes de espécies de plantas amazônicas para a formulação de uma garrafada (ELIXIR) para fins de tratamento dos sintomas do novo Coronavírus.

3-2 AMOSTRA

Como amostras utilizadas para a formulação da garrafada de bioativos e metabólitos secundários para o tratamento do Covid-19 e até mesmo de outros sintomas de outras enfermidades foram utilizadas: Sangue de Dragão, Extrato de folhas de amora, Mangarataia e Mel de abelha puro.

3-3 INSTRUMENTOS

Trata-se de uma pesquisa dividida em duas etapas, a fim de cumprir com os objetivos propostos. Logo, na primeira etapa fez-se uma revisão de literatura (MARCONI & LAKATOS, 2007), com o tema alquimia (Elixir da Longa Vida) e Plantas Medicinais Amazônicas, e na segunda etapa a parte experimental dessa pesquisa que se refere à confecção da garrafada artesanal com extratos bioativos puramente de plantas amazônicas. O referencial teórico foi construído por intermédio de vários autores, figurando entre eles: França *et al.*, (2008), Vargas (2010), Hutin, (2010), Cassino (2010), Luís (2014) e Pereira & Cunha (2015).

3-4 PROCEDIMENTOS DE COLETA

Para a coleta do material a ser utilizado como base pra essa pesquisa utilizou-se de um filtro dos artigos e trabalhos selecionados a fim de buscar o mais adequado para a construção do pensamento filosófico dessa obra experimental e analítica, usando os materiais já publicados e disponíveis pelos periódicos Capes e Scielo Br.

Para a coleta das amostras estudadas e utilizadas na garrafada artesanal foram feitas buscas na farmacopeia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), sendo que as amostras das espécies foram obtidas em uma Comunidade do Interior da Amazônia denominada de Comunidade Abelha, rica em diversas plantas medicinais.

3-5 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE

Após a coleta, os dados obtidos foram analisados a fim de se propor, por meios dos documentos experimentais, uma nova forma metodológica para confeccionar a garrafada artesanal.

Desse modo, os dados obtidos foram tratados e analisados para que pudessem ser utilizados de forma significativa, assim como denota m Martinelli (1999), obtendo deva forma uma pesquisa qualitativa.

4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para cumprir com o objetivo dessa pesquisa é importante salientar que, como resultado esperado tem-se a produção da garrafada artesanal composta pelas espécies amazônicas, a saber: Sangue de Dragão, Extrato de folhas de amora, Mangarataia e Mel de abelha puro. Lembrando que, os outros objetivos foram atingidos no desenvolvimento do referencial teórico desse estudo, pois, trata-se de uma varredura bibliográfica sobre os temas alquimia (Elixir da Longa Vida) e Plantas Medicinais Amazônicas.

Levando em consideração os métodos utilizados por Cassino (2010) e Luís (2014), a produção da garrafa se deu por meio dos seguintes passos experimentais:

1. Primeiramente, separaram-se as amostras a serem utilizadas como bioativos, sendo elas: Sangue de dragão (Extrato), extratos de folhas de amora, mangarataia e mel puro, conforme evidencia a Figura 5.

Figura 5. Amostras utilizadas.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

2. Como segundo passo, realizou-se a maceração das folhas de amora (*Rubus fruticosus*) e da mangarataia (*Zingiber officinale*) (Figura 6), utilizando-se do álcool de cereais como solvente, a fim de se obter substâncias que são consideradas com princípios ativos, essenciais para os benefícios da formulação da garrafada;

Figura 6. Maceração das folhas de amora



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

3. Após a maceração, colocou-se em um bécker de 500 ml, 2 ml de extrato (seiva) de sangue de dragão, utilizando-se de tubo de falcon graduado. Em seguida, adicionou-se 5 ml de mel puro e o extrato aquoso de folhas de amora com mangarataia e homogeneizou-se a solução por meio de um liquidificador caseiro (Figura 7);

Figura 7. Homogeneização das amostras.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

4. Com o auxílio de um bastão de vidro homogeneizou-se a mistura, adicionando água destilada até completar os 500 ml;
5. Em outro recipiente ferveu-se 500 ml de água em uma manta aquecedora e aguardou sua temperatura ficar morna (26°C a 41°C), para que pudesse ser colocado em uma garrafa plástica e em seguida ser adicionado os outros 500 ml de solução presente no bécker. No tocante, a solução foi armazenada em uma garrafa e devidamente etiquetada (Figura 8), ficando conservada na geladeira, podendo ser consumida por até 7 dias, sem perder suas propriedades e benefícios.

Figura 8. Produção garrafada artesanal.



Fonte: Arquivo Pessoal, 2020.

O interesse dessa pesquisa é o fato de que, por mais que as espécies vegetais amazônicas sejam estudadas por muitos anos, muitas delas ainda precisam de um direcionamento de estudos e experimentos que possam ampliar nossa visão com relação

aos seus benefícios e até mesmo contraindicações. Paralelamente vinculada às tradições populares, muitas podem ser clarificadas e evidenciadas para diversas finalidades.

Nesse sentido, como justificativa para o uso dessas amostras na construção da garrafada artesanal para uso em tratamento do Novo Coronavírus, temos justamente seu potencial como predominância de alcalóides (aminas que apresentam anéis heterocíclicos com o nitrogênio e que possuem propriedades que permitem seu uso em medicamento)s e bioativos, podendo auxiliar, por exemplo, no tratamento do Covid-19.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), os sintomas mais comuns causados pelo Covid-19 nos pacientes são: febre, tosse seca, cansaço. E os sintomas menos comuns: dores e desconfortos, dor de garganta, diarreia, conjuntivite, dor de cabeça, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Sendo os sintomas mais graves: dificuldade de respirar ou falta de ar, dor ou pressão no peito e perda de fala ou movimento (BRASIL, 2019; BRASIL, 2020).

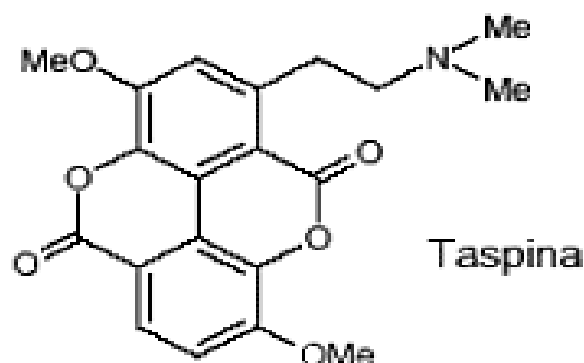
Como a pandemia do Novo Coronavírus (Covid-19) se alastrou pelo mundo todo, a busca por remédios caseiros foi crescendo de maneira exponencial, devido a falta de medicamentos usados para tratar o covid19 nas drogarias, tais como o Azitromicina, cloroquina e até Vitamina C, como denota Severiano (2020), e principalmente pelo aumento dos preços de medicamentos suplementares durante o período da pandemia (JUNQUEIRA, 2020), confirmando a clássica lei da oferta e da demanda. Logo, as chamadas garrafadas e medicamentos caseiros surgiram como válvula de escape para a população menos favorecida.

É importante reforçar que, por mais que muitas das espécies utilizadas nessa pesquisa sejam usadas de maneira corriqueira pela população e suas tradições, as mesmas apresentam grande potencial científico, de acordo com os trabalhos realizados por Cassino (2010), Luís (2010) e Mafra, Lasmar, Rivas (2020).

O Sangue de Dragão, utilizado nessa garrafada artesanal, é rico em ativos antioxidantes, como o picnogenol, e anti-inflamatórios, como o alcaloide taspina, dimetilcedrucina, e mais um extenso número de substâncias ativas.

A taspina (Figura 9) é um poderoso anti-inflamatório e cicatrizante, aumentando a migração dos fibroblastos, podendo ser usado direto em cortes e sangramentos para cicatrizar em tempo recorde, além do que, quando aplicado na pele forma uma crosta pela secagem da seiva sobre o ferimento, protegendo contra infecções (SALATINO; SALATINO; NEGRI, 2007).

Figura 9. Taspina –Sangue de Dragão.



Fonte: SALATINO; SALATINO; NEGRI (2007).

A seiva também possui elevada atividade inibitória da enzima AChE, responsável por quebrar a acetilcolina, neurotransmissor envolvido na memória e cognição, podendo ser de grande auxílio em pacientes com Alzheimer e outras doenças neurodegenerativas.

Como fungicida é mais eficaz no combate à candidíase do que o fluconazol, com a vantagem de diminuir a coceira imediatamente e ter o pH semelhante ao da vagina. Também em caso de hemorroida, junto com o Óleo Essencial de Cipreste, diminui a coceira, a irritação, a dor, o desconforto e desinflama o local. Os principais componentes químicos do Sangue de Dragão são flavonóides, fenóis, esteróides e terpenóides (SALATINO; SALATINO; NEGRI, 2007).

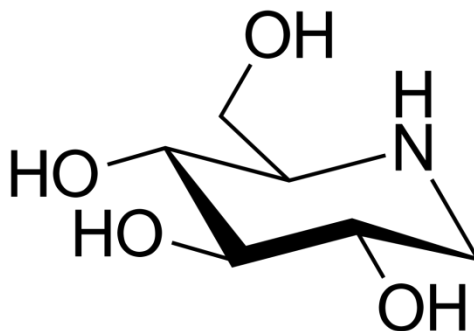
Já as folhas da amora, de acordo com Mafra, Lasmara, Mafra (2020), apresentam capacidade diurética e reguladora intestinal, diminui a inflamação, devido à sua propriedade anti-inflamatória, previne o envelhecimento e fortalece o sistema imunológico, pois é rico em antioxidantes, alivia as cólicas menstruais, auxilia no tratamento das mucosas da boca, inflamações de garganta e da pele e ajuda no tratamento de infecções, devido a sua propriedade antibacteriana. Além disso, a amora é capaz de normalizar a pressão arterial e melhorar as taxas de colesterol, diminuindo o risco de doenças cardíacas, controlar a glicose, prevenir artrose, osteoporose e obesidade e estimular a memória.

Na realidade, a amora é muito rica em antocianina, uma substância que confere propriedades como efeitos antioxidantes, anti-inflamatórios, reforço para a memória de curto prazo, prevenção do glaucoma e proteção ao coração.

O chá de amora pode ser utilizado para prevenir e tratar a diabetes. Isso porque ele contém um composto químico, chamado 1-desoxinojirimicina (DNJ) (Figura10),

que diminui os níveis de açúcar no sangue após as refeições ricas em carboidratos. Cientistas japoneses testaram os efeitos dessa substância presente no chá de folha de amora em ratos e concluíram que, após o consumo do extrato de amoreira - antes das refeições ricas em carboidrato - houve diminuição nos níveis de glicose no sangue.

Figura10. 1-desoxinojirimicina – Amora.



Fonte: MAFRA, LASMAR, MAFRA (2020).

Controlar os níveis de açúcar no sangue (glicose) é de vital importância para o tratamento da diabetes. Quando os níveis de açúcar no sangue sobem, o corpo responde produzindo mais insulina. Se a demanda por mais insulina ocorre com muita intensidade e frequência, a função pancreática de produzir insulina pode ficar comprometida. As células se tornam resistentes à insulina na tentativa de facilitar o transporte de glicose por meio das paredes celulares. O resultado é a resistência à insulina, que, sem controle, leva ao desenvolvimento de diabetes tipo 2. Ao impedir que grandes quantidades de açúcar entrem em circulação no sangue, o chá de amora ajuda a prevenir e combater a diabetes.

Com relação ao uso da mangarataia (conhecida como gengibre), também verificamos por meio de inúmeras pesquisas, tais como: Cassino (2010), Luís (2010) e Mafra, Lasmar, Rivas (2020), que se trata de uma planta que tem uma composição rica em nutrientes essenciais como o potássio, magnésio, cobre e vitamina B6 e seu óleo essencial, gingerol, é rico em zingerona, zingibereno, felandreno e canfeno que lhe conferem as qualidades terapêuticas curativas. O mesmo ocorrendo com o mel puro de abelha, que lhe confere um forte poder antimicrobiano, capaz de impedir o crescimento ou mesmo destruir microorganismos e assim proteger o homem contra muitas doenças.

Desse modo, por meio dos dados obtidos dessa pesquisa, verifica-se que a garrafada produzida artesanalmente, foi confeccionada mediante os diversos estudos que possibilitaram uma análise satisfatória do extrato bioativo formulado e que nos confere confiança no produto final obtido. Lembrando que, ainda assim, se faz necessário outros

estudos e novas práticas metodológicas a fim de se encontrar a concentração adequada para casa amostra utilizada. Entretanto, por intermédio desse estudo, pôde-se propor uma nova formulação capaz de tratar, possivelmente, alguns sintomas que abrangem o Covid-19, bem como outras doenças pertinentes ao homem.

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dessa pesquisa pôde-se inferir que, as espécies vegetais medicinais são de grande importância, especialmente para comunidades e unidades de conservação, dando ênfase ao processo de desenvolvimento sustentável e melhorando as condições de vida dos povos tradicionais, pois estes demonstram grande arcabouço de conhecimentos sobre vegetais, e os processos empregados para o tratamento de doenças.

Espera-se que, mais pesquisas como essa possam ser desenvolvidas para que um leque de conhecimentos sejam despertados e mais visados pela comunidade acadêmica, unindo o cultural, como fez a história dos alquimistas em busca do Elixir da Longa vida, com o conhecimento científico, descobrindo novas moléculas, alcalóides e bioativos, tudo pelo avanço de novas metodologias e principalmente de novas pesquisas.

Desse modo, como desfecho dessa pesquisa, não poderíamos de deixar de responder a hipótese outrora mencionada: É possível encontrar o Elixir da Longa Vida? Como resposta, por meio dessa referente pesquisa, afirmamos que sim, pois o conhecimento é vida, e enquanto produzimos conhecimento estamos construindo novos valores e princípios, lutando na busca pelo Elixir, não se referindo a algo palpável, mas algo que fica no intelecto, na construção de nosso pensamento filosófico, na intuição, na tradição e, principalmente, na vida.

6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMASSY J. A. A. et al. Folhas de chá: plantas medicinais na terapêutica humana. Viçosa: UFV, 2005.
- AMOROZO, M, C. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. Acta Botânica Brasílica. v. 16, n. 2, p. 189-203, 2002.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolo de manejo clínico para o novo-Coronavírus (2019-nCoV).
- BRASIL. Ministério da Saúde. Coronavírus: o que você precisa saber e como prevenir o contágio. 2020.
- CASSINO, M.F. Estudo etnobotânico de plantas medicinais em Comunidades da várzea do Rio Solimões, Amazonas e Aspectos Farmacognósticos de *Justicia pectoralis* Jacq. forma *mutuquinha* (ACANTHACEAE). Dissertação apresentada ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Botânica. 2010.
- FRANÇA, I. S. X. et al. Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais. Revista Brasileira de Enfermagem, v. 61, n. 2, p. 201-208, 2008.
- HUTIN, S. História Geral da Alquimia. A tradição secreta do Ocidente, a pedra filosofal e o elixir da vida eterna. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora Pensamento, 2010.
- JUNQUEIRA, D. Coronavírus: remédios devem subir, mesmo após governo adiar reajuste. Economia. Jornal on-line. Publicado em 23/04/2020. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2020/04/03/coronavirus-remedios-devem-subirmesmo-apos-governo-adiar-reajuste.htm?cmpid=copiaecola> Acessado em 14.08.2020.
- LAMEIRA, O. A. et al. Plantas medicinais: uso e manipulação. Embrapa Amazônia Oriental-Comunicado Técnico (INFOTECA-E), 2004.
- LITTLE, P. Territórios Sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma nova antropologia da territorialidade. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, p. 251-290, 2004.
- LUÍS, A. F. S. Pesquisa e Identificação de Compostos Bioativos em Plantas Florestais. Tese de doutorado. Universidade da Beira Interior, Covilhã. 2014.
- MAFRA, R.Z; LASMAR, D.J; MAFRA, A.A. O consumo de remédios caseiros durante a pandemia do Covid-19 e a evidência da bioeconomia. As Notas Técnicas do Departamento de Economia e Análise (DEA) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). 2020.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. Metodologia científica. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARTINELLI, M. L. (Org.). Pesquisa qualitativa: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

OLIVEIRA, R. L. C. Etnobotânica e plantas medicinais: estratégias de conservação. Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 10, n. 2, p. 76-82, 2010.

PEREIRA, A. C. S.; CUNHA, M. G. C. Medicina popular e saberes tradicionais sobre as propriedades medicinais da flora Cerradeira. Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, v. 11, n. 21, p. 126-137, 2015.

RIBEIRO, C. M. Avaliação da atividade antimicrobiana de plantas utilizadas na medicina popular da Amazônia. 2008. 66 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas. Belém, 2008.

SALATINO, Antônio; SALATINO, Maria L. Faria; NEGRI, Giuseppina. Traditional uses, chemistry and pharmacology of Croton species (*Euphorbiaceae*). J. Braz. Chem. Soc., São Paulo, v. 18, n. 1, p. 11-33, 2007.

SEVERIANO, A. Falta de medicamentos usados contra covid-19 atinge 70% das drogarias de Manaus. Caderno Manaus-AM. Publicado em 05/05/2020. Disponível em: <https://www.todahora.com/articulos/falta-de-medicamento-usado-contra-covid-19-atinge-70-das-drogarias-de-Manaus>. Acessado em 14.08.2020

VARGAS, N. S. Aspectos históricos da alquimia. Janguiana, São Paulo, v. 35, n.2, p.69-76, 2017.

Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-08252017000200008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 01 set. 2020.

VERDAM, M. C. S.; SILVA, C. B. O estudo de plantas medicinais e a correta identificação botânica. Visão Acadêmica, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 7-13, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Novel coronavirus(2019-nCoV): situation report - 22 [Internet]. Geneva: World Health Organization; 2020 [cited 2020 Mar 4]. Available from: Available from: https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200211-sitrep-22-ncov.pdf?sfvrsn=fb6d49b1_2.